

EDUCAÇÃO E REALIZAÇÃO CONJUNTA EM CINEMA: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES SECUNDARISTAS DE CURITIBA

Guilherme Luiz Lourenço Gomez¹

RESUMO: Neste trabalho, apresenta-se relato de experiência e avaliação de atividades em cinema e educação realizadas junto a estudantes secundaristas de Curitiba entre os meses de maio e julho de 2017, em sua maioria do Colégio Estadual Tiradentes, em Curitiba. O projeto foi inicialmente elaborado junto a estudantes engajados no movimento de ocupações de escolas ocorrido no segundo semestre de 2016 e teve seu planejamento prévio preparado com base em proposições do autor Alain Bergala na obra *A hipótese-cinema*, e de atividades dos materiais *Inventar com a Diferença* (MIGLIORIN et. al, 2014) e *Minha Vila Filmo Eu* (MANCUSO, 2012). No decorrer das atividades, estudantes que não eram engajados no movimento estudantil se aproximaram do projeto, que tomou caminhos diversos do previsto. Foram feitos exercícios cinematográficos, exposições e debates, no final sendo produzido um pequeno filme documentário sobre o tema que emergiu como mais importante para o grupo de estudantes formado: o *bullying* na escola.

PALAVAS-CHAVE: Cinema e Educação. Cinema na Escola. Cinema e Movimentos Sociais.

EDUCATION AND JOINT REALIZATION IN CINEMA: AN EXPERIENCE WITH HIGH SCHOOL STUDENTS IN CURITIBA

129

ABSTRACT: This work intends to report on the experience and evaluation regarding a set of activities in Cinema and Education carried out with high school students from Curitiba between May and July 2017, most of them from Colégio Estadual Tiradentes (Tiradentes State College). The project was initially developed with students engaged in the movement that led to many school occupations during the second half of 2016, and was planned based on propositions of the author Alain Bergala in the work *The hypothesis-cinema*, and activities of the books *Inventar com a Diferença* (MIGLIORIN, Cezar et al, 2014) and *Minha Vila Filmo Eu* (MANCUSO, Bruno Freddi, 2012). During the activities, students who were not engaged in the student movement approached the project, which took different paths than previously expected. Cinematic exercises, exhibitions and debates were carried out, and at the end a short documentary film was produced about the theme that emerged as most important for the group: bullying in school.

KEYWORDS: Cinema and Education. Cinema in School. Cinema and Social Movements.

¹ Guilherme Luiz Lourenço Gomez é bacharel em Cinema pela Universidade Estadual do Paraná. Este artigo traz resultados do Projeto de Iniciação Científica (PIC 2016/2017) financiado com Bolsa da Fundação Araucária e do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Realização em Cinema e Movimentos Sociais: uma experiência com o movimento estudantil secundarista de Curitiba e Região Metropolitana*, sob orientação da Profa. Dra. Salete Paulina Machado Sirino. Contato: guilourenco.gomez@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo traz o relato de experiência e a avaliação crítica de um modesto ciclo de atividades em Cinema e Educação realizado com estudantes secundaristas de Curitiba, tendo o objetivo de compartilhar erros e acertos que possam contribuir com práticas futuras. As atividades relatadas foram motivadas por conversas junto à estudantes do Colégio Estadual de Ensino Profissionalizante Newton Freire Maia. Localizado no município de Pinhais, ao lado da Sede do curso de Cinema da Universidade Estadual do Paraná - Unespar, *campus* de Curitiba II (Faculdade de Artes do Paraná - FAP), tive a oportunidade de desenvolver oficinas de audiovisual com esses(as) estudantes durante o período em que a escola esteve ocupada, em meio ao movimento que lutou contra a Reforma do Ensino Médio e a chamada PEC do Teto de Gastos, no segundo semestre de 2016². Assim, levei o projeto de realizar atividades em Cinema e Educação para o meu Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Cinema e Audiovisual. O projeto tinha assim a intenção de trabalhar a educação pelo cinema em um contexto de auto-organização coletiva, uma tentativa de aproximar o cinema do movimento estudantil secundarista.

EDUCAÇÃO EM CINEMA

O objetivo foi de não apenas instrumentalizar pessoas militantes para o audiovisual – o que possui sua importância – mas trabalhar na prática em cinema os nossos lugares no mundo, sentido e motivos de nossas ações, incluindo a militância social. Uma referência relevante para o tipo de perspectiva pretendida, Alain Bergala, defende em seu livro *A hipótese-cinema* (2008) a abordagem da dimensão sensível do cinema. Questiona o que chama de contedismo e linguagismo. O primeiro termo trata de utilizar os filmes como uma máquina de conhecimentos sobre determinados temas (históricos, por exemplo) e o outro trata do foco excessivo na identificação de elementos de linguagem, como tamanhos de plano e posicionamentos de câmera, atribuindo significados mecanicamente para eles.

² A produção resultante dessas oficinas, intitulada *Ocupa Newton! Ocupa tudo!* pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=GLHbVmFgPRU>

A aposta do trabalho foi de que os movimentos sociais podem constituir um lugar privilegiado para a educação em cinema. Que esses movimentos – atuando dentro da escola ou fora dela – podem construir espaços especiais de encontros com a arte cinematográfica. Espaços em que as relações se dão de maneira voluntária, aglutinando sujeitos oprimidos em uma perspectiva comum de transformação da realidade e de si mesmos através da arte.

Uma das concepções do trabalho de Bergala é a da chamada pedagogia da criação (BERGALA, 2008, p. 128). A criação não começaria apenas na passagem ao ato de filmar, mas já nos contatos iniciais com o filme. Trata-se de recuar um passo no lugar de espectador para avançar e se posicionar como o criador: questionar o porquê das decisões tomadas pelo diretor e como faríamos se fossemos nós os autores daquela obra, procurando exprimir ideias e sentimentos.

Uma pedagogia da criação pode começar desde as primeiras aproximações com os filmes. Há certo modo de assistir aos filmes, falar deles, analisá-los:

Para apreciar um quadro, é preciso ser um pintor em potencial, senão não se pode apreciá-lo; e na realidade, para gostar de um filme é preciso ser um cineasta em potencial; é preciso dizer: mas eu teria feito deste ou daquele jeito; é preciso fazer seus próprios filmes talvez apenas na imaginação, mas é preciso fazê-los, se não, não se é digno de ir ao cinema (BERGALA, 2008, p.128).

Esse tipo de reflexão vem acompanhada da identificação de nossas próprias emoções sobre o filme. Debater sobre o que sentimos e como construímos sentido nos filmes colabora com o conhecimento sobre nós mesmos e na formação de um gosto e sensibilidade para com o cinema. Na busca de realizar uma prática que siga esta perspectiva, o planejamento do projeto passou por uma seleção de filmes e de cenas que constituiriam um acervo: uma variedade de possibilidades que poderiam ser exibidas e debatidas a depender dos interesses e rumos dos debates. Neste caminho, Bergala (2008, p. 64) utiliza o termo “passador” para aquele que abandona a noção de professor para tecer um contato e relação entre os(as) estudantes que envolve os próprios gostos, a sensibilidade e noções mais profundas e honestas com as obras de arte.

Tanto na experiência anterior, na ocupação do Colégio Estadual de Educação Profissionalizante (CEEP) Newton Freire Maia, quanto no ciclo de atividades do qual trata o presente artigo, busquei estabelecer laços próximos e de confiança com os(as) estudantes

envolvidos(as), visando propiciar o que é chamado de inserção social (FRANCE, 1998, p. 34, *apud* FREIRE, 2011, p. 28). Essa inserção social, realizada num contexto de luta social, tem seu processo balizado pelos princípios do que se chama na militância popular de trabalho de base. O trabalho de base tem sua importância em contribuir no entendimento das injustiças e em organizar e impulsionar as pessoas a encontrarem soluções para os problemas do cotidiano, fazendo a relação destes com a luta geral contra a exploração e a opressão. Longe de levar fórmulas e entendimento prontos, optou-se por ouvir e falar com as pessoas partindo de onde elas estavam situadas. Com humildade, paciência, tempo e convivência, pudemos compreender melhor a realidade das pessoas, seus problemas e motivações em buscar soluções. Buscando enxergar a raiz dos problemas cotidianos, passamos a entender como o mundo é articulado e que as dificuldades que afligem a nós, nossas famílias ou vizinhos também afetam outros em diversos lugares e situações. Assim, passamos a nos entender como seres sociais e coletivos, que, sofrendo juntos em um sistema de exploração e opressão, possuem a organização em movimentos sociais como um caminho para acumular força em torno de pautas e projetos comuns de libertação.

ELABORAÇÃO DO CRONOGRAMA PRELIMINAR

Além da exibição de filmes e a discussão sobre eles, foram propostos exercícios baseados nos que são apresentados nos livros *Minha Vila Filmo Eu* (MANCUSO, 2005), produzido pela Tambor Multiartes e *Inventar com a diferença* (MIGLIONIN et. al., 2014). Realizei uma sucinta listagem de possíveis exercícios e atividades em cinema, sem haver a presunção de segui-la fielmente. A proposta foi de que a escolha das atividades seriam feitas junto aos e às estudantes, de acordo com suas demandas e experiências. Assim, o cronograma teve o intuito de me proporcionar uma base segura em que fosse possível trabalhar aspectos essenciais no caso de, por exemplo, não conseguirmos definir as atividades conjuntamente, ou seja, foi um caminho deixado aberto, disponível no caso de não ser possível trilhar outros. Este cronograma preliminar previa 10 encontros, dos quais os primeiros 6 seriam dedicados à realização de exercícios curtos, além de exibições de trechos de filmes e debates. Nos 4 encontros posteriores seria realizado um filme de curta-

metragem, desde seu desenvolvimento. Como será relatado posteriormente no texto, este cronograma não foi seguido no desenvolver do ciclo de atividades em Cinema e Educação. A descrição dos exercícios previstos para cada encontro segue abaixo:

Primeiro encontro: *A imagem: olhar e inventar.* A atividade consiste em observar fotografias e assistir trechos de filmes considerando diferentes aspectos como enquadramento, composição, profundidade, cores e iluminação. Ao final, é solicitada para cada um fazer duas fotografias durante a semana e trazê-las no encontro seguinte.

Segundo Encontro: *Minuto Lumiere.* Trata-se da realização de plano-sequência fixo, com duração de cerca de um minuto. É apresentada uma contextualização histórica do surgimento do cinema e feita exibição de alguns desses exercícios realizados no projeto *Inventar com a Diferença*. Todos fazem um *Minuto Lumiere* e todos são assistidos. Ao final, é solicitado para todos trazerem fotografias das ocupações que participaram.

Terceiro Encontro: São feitas projeções das fotografias das ocupações, seguidas de comentários. Separa-se grupos e escreve-se textos para narrações a serem feitas sobre fotografias, que são filmadas. Desta forma realiza-se um filme de plano fixo, com a voz *over* sobre a fotografia.

Quarto Encontro: Assiste-se aos pequenos filmes das fotografias filmadas. Em seguida realiza-se filmagens das fotografias impressas com lentes teleobjetivas, ou pode-se realizar ampliações de maneira digital, com o auxílio de um computador. O objetivo é explorar diferentes enquadramentos dentro de cada fotografia, dando atenção a diferentes elementos no interior de cada uma. Em seguida, faz-se uma montagem dessas imagens com a narração, explorando diversas camadas e elementos.

Quinto Encontro: São exibidos “Planos Comentados” do projeto *Experimentar o Cinema*. Após debates e comentários, filma-se planos e contraplanos subjetivos, de maneira a filmar alguma personagem observando algo. Em seguida, monta-se os planos filmados. Trata-se de um exercício que permite “se colocar no lugar do outro”.

Sexto Encontro: É pedido para os estudantes trazerem histórias que julguem possíveis de se tornarem filmes de curta-metragem. Debate-se sobre elas e escolhe-se uma. Se for possível, procurar abarcar na história escolhida elementos ou personagens de outras que foram apresentadas. Em seguida, escreve-se um esboço de estrutura de roteiro baseado na história contada.

Sétimo Encontro: É realizada decupagem e esboço de *storyboard* ou *shoot-in-board*.

Oitavo Encontro: Filmagem.

Nono Encontro: Filmagem.

Décimo Encontro: Filmagem e/ou Edição.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: CICLO DE ATIVIDADES EM CINEMA E EDUCAÇÃO COM ESTUDANTES SECUNDARISTAS

Durante a realização do trabalho, uma característica recorrente foi de a todo momento os fatos fugirem do planejamento realizado. Essa dinâmica não é ruim por si só e, possivelmente, inescapável. Porém, alguns pontos se mostraram desde cedo como empecilhos à realização de conceitos caros à formulação original do projeto. A concepção inicial do trabalho em Cinema e Educação foi feita a partir de demandas dos estudantes da ocupação do CEEP Newton Freire Maia, no momento em que havia centenas de escolas ocupadas no Paraná. No ano seguinte, esse movimento sofreu um grande refluxo, não tendo continuidade a organização secundarista na enorme maioria das escolas que foram ocupadas. No CEEP Newton Freire Maia, boa parte dos(as) estudantes ocupantes era do 3º ano do Ensino Médio. Muitos se formaram e outros mudaram de escola. A presença de poucos estudantes da ocupação no ano seguinte me levou à tentativa de realizar o projeto em Curitiba, com estudantes de diferentes escolas que vinham se apoiando para fomentar organização de base nos locais de estudo, geralmente através dos grêmios. Realizei uma divulgação através de mensagens individuais e em grupos, apresentando o projeto. Procurei não fazer chamadas muito públicas, pois pretendia me comunicar principalmente com estudantes já envolvidos no movimento estudantil. Porém, feito dessa maneira, o interesse no projeto foi aquém do esperado.

Foi possível formar um grupo de três estudantes de 16 e 17 anos, que será chamado aqui de GRUPO 1. Fizeram parte uma menina do Colégio Estadual Paulo Leminski, um menino do Colégio Estadual Ernani Vidal e um recém-formado do Colégio Estadual Tiradentes. Todos haviam participado ativamente de suas ocupações e os dois que ainda estudavam faziam parte de seus respectivos grêmios. Combinamos de iniciar as atividades do grupo em uma sala da Universidade Federal do Paraná, pois tinha localização central e fácil acesso à equipamentos como projetor e caixa de som.

1º ENCONTRO COM GRUPO 1 (UFPR, 18 DE MAIO DE 2017)

No início do encontro, formamos uma roda, nos apresentamos e conversamos sobre o que nos interessava na cinema. Falamos sobre como o ponto de vista do autor do filme pode aparecer nos filmes. Empenhei-me em não falar mais do que eles, deixando-os conduzir a discussão e construir seus argumentos. Assistimos uma cena de *Braços Cruzados, Máquinas Paradas* (1979), de Roberto Gervitz e Sergio Toledo (minutagem 20:46 à 26:20) e discutimos sobre o que seriam os campos do documentário e da ficção, considerando que neste documentário os autores realizam uma encenação em decupagem clássica, na qual operários interpretam uma paralisação do trabalho. Falamos sobre o compromisso com a verdade e como sempre imprimimos um ponto de vista ao tratar das coisas do mundo no cinema. Conforme eles falavam, eu levantava perguntas sobre pontos abordados para direcionar o debate num sentido que entendia mais interessante para nossa compreensão do cinema. Além disso, apresentei um importante repositório digital de filmes do país, providenciando contas de acesso para incentivá-los a procurar e assistir filmes.

Introduzi sobre planos e contraplanos, identificando o *raccords* de olhares na cena de *Braços Cruzados, Máquinas Paradas* (1979), de Roberto Gervitz e Sergio Toledo. Realizamos, brevemente, um exercício com plano e contraplano, que pode ser assistido no endereço no final da página³. Ao final, discutimos sobre o projeto como um todo. Chegamos juntos à conclusão de que seria mais interessante fazer o projeto no Colégio Tiradentes, onde M.M. havia estudado e tinha algum contato com os estudantes que compunham o grêmio no momento. M.M. contou que, ainda que seja um colégio central, o perfil de

3 O exercício de plano e contra-plano pode ser acessado em: <https://youtu.be/AroTvfsntnA>

estudantes do C.E. Tiradentes era de moradores da periferia de Curitiba e de cidades da Região Metropolitana. Foi combinado que eu entraria em contato com as pessoas do grêmio do Colégio Tiradentes para combinarmos a realização do projeto lá e de fazermos o encontro seguinte ainda na UFPR.

2º ENCONTRO GRUPO 1 (UFPR, 25 DE MAIO DE 2017)

Iniciamos o encontro assistindo ao curta-metragem *En rachâchant* (1982), de Jean-Marie Straub e Danièle Huillet. Eles demonstraram gostar bastante e tivemos um longo debate sobre o modelo escolar vigente, que é rejeitado pelos três. Por um lado, apontaram problemas referentes às condições precárias das escolas. Mas para além dessa precariedade, criticaram aspectos como a disposição das salas com fileiras na parte de trás e o professor à frente, o excesso de conteúdos e a disciplina rígida das escolas em relação a horários e costumes, por exemplo. As pontuações iam no sentido de criticar o modelo de transferência de conhecimento, que dificultaria, inclusive, a assimilação do conteúdo que é apresentado. Assuntos que em outras circunstâncias poderiam cativar interesse soavam como irrelevantes para a grande maioria dos estudantes.

Eles ainda lembraram de um vídeo bastante difundido nas redes sociais, em que o rapper norte-americano Prince faz o papel de um promotor que acusa o sistema de ensino em um tribunal. Ainda apontaram que o filme *En rachâchant* traz uma expressividade diferente ao filmar em certos momentos uma cadeira vazia, e não o professor sentado nela. Também disseram ser representativo que ainda que o menino deixe a escola, está “fadado a viver como os outros”. M.B. ainda disse que o filme o remeteu a um poema de Manoel de Barros, cujo nome não recordava⁴.

Em seguida, assistimos ao curta-metragem *Megalópolis* (1973) de Leon Hirszman, filme realizado no contexto do Instituto Nacional do Filme Educativo. Houve menos consenso, tendo a estudante do Colégio Paulo Leminski não gostado do filme e dizendo que o narrador deveria fazer mais pausas, a fim de não cansar tanto o espectador. Questionada sobre como faria ela se fosse a diretora, respondeu prontamente que preencheria com música as pausas da narração.

⁴ Mais tarde, pelo grupo virtual do facebook, ele disse que o poema se chama *O menino que carregava água na pereira*.

Na segunda metade, apresentei duas propostas de exercícios presentes no Cronograma Preliminar: o Minuto Lumière e o Plano Subjetivo. Optaram pelo primeiro, justificando que já havíamos feito planos curtos em montagem na semana anterior. A realização dos planos constituiu uma boa prática de filmagem na rua. Observar as ruas procurando o melhor plano pareceu empolgante para todos. Posicionar o tripé sob os olhares curiosos de quem passava e, com o meu incentivo, tentar esquecer-se deles para montar o enquadramento também foi levado com empolgação por eles. Tendo um dos estudantes saído mais cedo e assim não realizado o seu *Minuto Lumiere*, fizemos dois planos que podem ser vistos nos *links*⁵ que constam na nota de rodapé da página.

O terceiro encontro, marcado para o dia 29 de maio, não aconteceu, pois um dos estudantes disse estar gripado e outro teria outros compromissos. Esse grupo de três estudantes, chamado de GRUPO 1, não participaria mais todos juntos dos próximos encontros. Esse grupo inicial composto de três estudantes militantes foi bastante satisfatório em muitos aspectos, mas o baixo número de pessoas, além de dificultar as atividades de produção, gerou certo desânimo entre os participantes. Uma pessoa que faltasse já causaria grande prejuízo à dinâmica do encontro, e duas faltas impossibilitaram um dos encontros programados.

A partir de então, os encontros passaram a ocorrer no Colégio Tiradentes com um novo grupo de estudantes desta escola, que será chamado aqui de GRUPO 2. Os dois estudantes do GRUPO 1 participaram de alguns dos 6 encontros que ocorreram, mas não foram os dois juntos no mesmo encontro e não tiveram uma inserção orgânica no grupo.

O contato inicial no colégio Tiradentes se deu através de estudantes do grêmio que haviam sido indicadas pelo ex-aluno do colégio que participara dos encontros do GRUPO 1. No entanto, a divulgação do projeto ocorreu com mais suporte da direção e de uma pedagoga, que recomendaram que eu passasse nas salas para apresentar a proposta. Na preparação para o momento das passagens em sala, escolhi o nome “Fazendo Cinema: grupo de criação cinematográfica”. No colégio, passei junto com a pedagoga nas salas do 9.º ano do Ensino Fundamental ao 3.º ano do Ensino Médio, descrevendo brevemente o

5 Os planos realizados no exercício Minuto Lumière podem ser acessados nos seguintes endereços: 1) <https://youtu.be/mV52iWmDmEk> 2) <https://youtu.be/5FpCzOD2y0E>

projeto, fazendo o convite e passando uma lista de interessados. No turno manhã, eram uma turma de 9.º ano do Ensino Fundamental, duas de 1.º, uma de 2.º e duas de 3.º ano do Ensino Médio. Após passar nas turmas, houve um total de cinquenta e três pessoas interessadas, sendo que quarenta e uma podiam às quartas-feiras e vinte e oito às quintas. Assim, foi encaminhado de realizar o grupo uma vez por semana às quartas-feiras, no período da tarde.

1º ENCONTRO GRUPO 2 (COLÉGIO TIRADENTES, 07 DE JUNHO DE 2017)

Foi formado um grupo heterogêneo de estudantes mais jovens, de 14 e 15 anos. Além da diferença de idade em relação ao GRUPO 1, o segundo grupo não havia participado da ocupação de seu colégio e não tinha uma identificação tão grande com o movimento estudantil. Duas estudantes participam do grêmio, mas parecem ter uma dimensão diferente daquela que considera o espaço um local de organização e luta pela educação pública. Assim, a atuação com o segundo grupo não foi junto a um movimento social, mas com estudantes que poderiam vir a se organizar desta maneira.

No primeiro encontro estiveram presentes 7 estudantes e o ex-aluno que já vinha participando. Fizemos uma rodada de apresentação, sendo que cada um deveria falar o que gostava de assistir. Filmes de super-heróis foram os mais citados, seguidos por seriados como *Supernatural* (2005-2017, Eric Kripke) e *Walking Dead* (2010-2017, Frank Darabont) e dois deles afirmaram gostar dos filmes *A culpa é das estrelas* (2014, Josh Boone) e *Cidades de Papel* (2015, Jake Schreier) baseados nos *best sellers* juvenis do escritor John Green.

Perguntei onde haviam sido feitos esses filmes e seriados citados, e logo responderam que nos Estados Unidos, ou em Hollywood. Falamos de como a maior parte dos filmes e seriados que assistimos são norte-americanos e procurei apontar a necessidade de não apenas assistirmos aos filmes, mas também de nos dedicarmos à sua realização.

Contei sobre a pesquisa que desenvolvia e de sua relação com os movimentos sociais, falando sobre o que seriam eles e da importância para a sociedade. Perguntei se haviam participado da ocupação e apenas o ex-aluno respondeu afirmativamente, sendo que os demais sabiam pouco sobre o processo.

Procurando neste primeiro encontro exibir filmes facilmente cativantes, assistimos à cena previamente selecionada de *Corpo Fechado* (2000), de M. Night Shyamalan (minutagem: 44:45 – 50:00). Abordei sobre o tema da construção do suspense, perguntando o que pensavam que iria acontecer. Achavam que o peso levantado pelo personagem de Bruce Willis iria cair, em cima dele ou do filho. Que aconteceria algum percalço desse tipo e levariam um susto. Falamos de como ir construindo expectativas e criando questões que nos mantêm interessado na história e imersos no filme. Durante a cena, no momento em que o filho diz que vai retirar mais pesos mas na verdade os coloca, a câmera não acompanha o menino, se mantém no pai. Apenas ouvimos o som dos pesos no supino e vemos no fundo do plano, desfocado, o filho passando de um lado para o outro. Conversamos, então, sobre como as ações que acontecem nos filmes nem sempre são mostradas no quadro, mas fora dele. Que essas ações podem ocorrer somente na banda sonora, ou apenas serem sugeridas. Assim, nos foi sugerido que o filho retirou os pesos, e nos causa uma surpresa saber que na verdade colocou mais. Desta maneira, o diretor coloca uma intensidade na ação que não ocorreria se tivéssemos visto o filho colocando os pesos. Mostrar ou não é uma escolha, e quando fazemos filmes fazemos muitas escolhas. Durante os debates todos se mostraram muito atentos, e, de maneira geral, articulando o assistido no momento do debate.

Após essa discussão, exibi o plano comentado do filme *O Palhaço*⁶, produzido pelo Projeto Experimentar o Cinema, vinculado ao *Inventar com Diferença*. O plano comentado era o último plano-sequência do filme. Foi possível abordar sobre ritmo, encenação, coreografia etc. Salientei que tudo que vemos ou ouvimos nos filmes é fruto de escolhas do(a) realizador(a). Eles não se mostraram muito tocados pela cena, acharam muito “colorido”, “bonitinho” e “para crianças”, insinuando que gostavam de outros tipos de filmes.

Direcionei o debate então para filmes que eles gostavam e se impressionavam. Relataram muitas cenas e filmes com violência de tipo *gore* e explícita, coisas do campo do absurdo e do macabro. Imerso em relatos de filmes e cenas desse tipo, fiquei em dúvidas se

6 O plano comentado do filme *O Palhaço* pode ser assistido no seguinte endereço: <http://www.inventarcomdiferenca.org/inventar/experimentar-o-cinema-o-palhaco/>

deveria mudar o foco do assunto ou persistir no tema da violência para tentarmos trabalhá-lo de maneira crítica. Decidi arriscar a segunda opção e exibir a clássica cena do assassinato no chuveiro de *Psicose (1960)*, de Alfred Hitchcock (minutagem: 46:00 à 50:50). Parte do meu receio estava no fato de tratar-se de uma mulher tomando banho que é assassinada. Ainda que mostrando bem menos do corpo feminino do que é comumente feito nos dias atuais, é possível presumir que Hitchcock quisesse prender a atenção do público cativando um olhar de desejo em relação ao corpo da mulher.

Sujeito ao risco de não conseguir aprofundar criticamente nossos olhares sobre a cena, fiz a exibição e perguntei o que haviam achado. Um deles respondeu que “pouco evoluído”. Perguntei como seria então um filme mais evoluído. “Mostraria os ataques, o ferimento e o corpo da mulher”. Uma menina ainda diz que “não dá pra acreditar direito”. “Por quê?”, pergunto. “Porque a ação não aparece direito, a mulher esconde os peitos com os braços”. “Devia ter mais sangue”, diz ainda outro menino.

Comentei que nos filmes atuais essas características do “mostrar mais” estão realmente presentes e perguntei se, mesmo sem mostrar explicitamente nenhuma das facadas, eles conseguiam entender o que acontecia. Responderam que sim, a sequência de imagens os faziam compreender a ação, e chamaram a atenção para o som das facadas presente na banda sonora. Já sendo consenso que é possível entender a passagem mostrando os ferimentos ou não, perguntei então porque seria necessário mostrar o corpo da mulher. Disseram logo que na verdade não seria necessário, mas reafirmaram que é comum. Afirmei que é muito usual vermos em filmes, na publicidade e na televisão os corpos nus das mulheres, e também dos homens, em menor quantidade, serem explorados com um apelo sexual. Perguntei por qual motivo então o diretor optaria por mostrar mais partes de um corpo nu em uma situação tão terrível e cruel como a de um assassinato. Para meu alívio, pareciam concordar e estar bastante interessados nos rumos debate. “Cada um tem seu jeito de fazer”, disse um dos garotos, afirmação que abriu bons caminhos.

Um dos meninos, K., disse então que assistiu “duas versões” de um mesmo filme, original (1978, Meir Zarchi) e remake (2011, Steven R. Monroe), chamado *A doce vingança*. A trama de ambas trata uma garota que é estuprada e posteriormente persegue seus estupradores buscando vingança. Segundo K, em um dos filmes, o estupro aparece

mais do que em outro, que é apenas sugerido. Fiquei surpreso com a menção ao estupro no debate, e tive receio sobre como lidar. Optei por interrompê-lo para dizer o quanto estupro é uma violência terrível e que entendia o porquê evitar de ser mostrado. Achei que seria melhor não deixar o tema passar, dando margem para que o estupro fosse tratado com banalidade. Coloquei que é uma decisão não mostrar uma coisa horrível como essa, e questionei um tanto taxativamente qual seria então o interesse em ver uma violência assim. Afirmar desta maneira impositiva difere muito da orientação que procuro empenhar nos debates, mas foi o melhor que consegui improvisar diante da situação.

Após o debate que julguei bem desafiante, realizamos exercícios de movimentos de câmera, praticando panorâmicas e tilts. Tive alguma dificuldade em controlar o tempo das atividades, sendo que tinha a intenção de avançar o exercício para construir uma narrativa, o que não foi possível.

2º ENCONTRO (COLÉGIO TIRADENTES, 14 DE JUNHO DE 2017)

Quarta-feira, véspera de feriado. Havia planejado falar de tamanhos de plano e mais detalhadamente sobre etapas de produção, mostrando exemplos de roteiro, *storyboard* etc. Fui surpreendido com a presença de apenas uma estudante do Tiradentes, a B. Também esteve presente o estudante do Colégio Ernani Vidal, M.B., que levou um colega da mesma escola, G, que também participa do grêmio. Assim, foram apenas 3 estudantes.

Assistimos ao filme *Recife Frio* (2009), de Kleber Mendonça Filho. G. pensou que o fenômeno climático realmente havia acontecido em Recife, logo M.B. pontuou diretamente que seria um “falso documentário”, abordando de maneira muito pertinente sobre a manipulação de elementos típicos do documentário e associados a uma representação muito fidedigna dos acontecimentos do mundo em algo que não aconteceu. A conversa orbitou o tema da verdade nos filmes de ficção e documentário, bem como dos elementos documentarizantes e ficcionalizantes. Colocamos que o filme utiliza de uma “mentira”, uma história ficcional contada em formato tipicamente utilizado para falar de histórias não-ficcionais, para, a partir dessa mentira, falar verdades. A contradição da cultura do papai

noel em suas roupas pesadas no verão do nordeste, o catolicismo falando de culpa e do frio como castigo, os evangélicos acusando o clima de obra do demônio, a instituição arquitetônica do quarto de empregada etc.

Em seguida, e sabendo que haviam gostado muito da cena de Hitchcock, assistimos a cena selecionada de *Intriga Internacional* (1959), do mesmo diretor, em que o protagonista invade o quarto de hotel do misterioso George Kaplan e em seguida é perseguido pelos assassinos.

Os três gostaram muito e pediram para ver mais. Falamos de como o cinema clássico constrói suspense abrindo e fechando questões a todo o momento. Assistimos ao filme tendo em aberto uma pergunta maior: Quem é George Kaplan?. Mas perguntas menores aparecem: “Eles serão pegos entrando no quarto?”; “É Kaplan parecido com o protagonista?”; “Alguém já viu George Kaplan?”; “Os assassinos estão vindo, fugirão a tempo?” “Como responderão à pergunta da mãe do protagonista no elevador?”

Nos termos da construção do suspense, perguntei como poderíamos construir um filme de maneira a deixar perguntas em aberto para o espectador. Construímos uma escaleta simplificada de um filme de suspense, cuja história consistia em um menino que vê algo que o assusta e então corre pela escola fugindo do misterioso. Em certo momento, um inspetor da escola o encontra, sugerindo ao espectador que seria dele que o menino fugia. No entanto, uma maçaneta gira e vemos os dois olhando assustados para algo. O filme terminaria sem sabermos do que se trata ou o que acontece, finalizando nos olhares assustados do estudante e do inspetor. Ainda que satisfatório, o processo de construção da história foi bastante demorado. Procurei estar mais atento ao tempo, mas mesmo assim foi possível filmar apenas os três primeiros planos da história⁷. Não foi possível assim concluir o exercício de construção do suspense no mesmo dia, sendo combinado de prosseguirmos na semana seguinte.

⁷ O início do exercício de construção de suspense pode ser acessado aqui: <https://youtu.be/gyKULpWDJTE>

3º ENCONTRO (COLÉGIO TIRADENTES, 21 DE JUNHO DE 2017)

Para o terceiro encontro, previa que terminássemos o exercício de suspense, discutíssemos sobre as etapas de produção de um filme e elaborássemos um roteiro simplificado, possibilitando dedicação apenas às filmagens no quarto e quinto encontros. Estiveram presentes seis estudantes do Colégio Tiradentes e o estudante do Colégio Ernani Vidal. O ator do exercício de suspense havia garantido que iria, mas não compareceu, de modo que não poderíamos terminar o exercício partindo do material já filmado. Debates se iríamos refilmar com outras pessoas para completar a história. Não se mostraram muito interessados, talvez por parte dos presentes não terem todos assistido ao trecho de *Intriga Internacional* (1959), de Alfred Hitchcock, e participado da conversa sobre suspense.

Assistimos ao início do filme feito no encontro anterior. Disse que antes de filmar havíamos preparado a história e colocado tópicos sobre ela no quadro. Perguntei como achavam que seriam as etapas feitas nos filmes que geralmente assistimos. Foram muitas respostas: marcação de atores, ensaios, lugar onde posicionar a câmera, até chegar em “inventar a história” e, finalmente, alguém lembrou a palavra “roteiro”.

Expliquei as noções de desenvolvimento, sinopse e roteiro. Lemos juntos o roteiro da primeira cena do filme *O homem que virou suco* (1981), de João Batista de Andrade. Depois, assistimos ao filme comparando ao roteiro. Foram bem críticos e apontaram que algumas coisas não ficaram boas na realização. Acharam a parte do assassinato pouco crível, acreditando pouco na veracidade do sangue por exemplo.

Depois, P. perguntou “você já pensaram em fazer um roteiro?” de maneira bem animada. A animação não foi muito contagiante, mas o garoto seguiu contando sobre sua ideia para um filme. Tratava-se de uma história fantástica baseada em elementos do Apocalipse (ele sempre colocava que era uma parte da bíblia). Os personagens são quatro amigos muito próximos, irmãos que não têm relação sanguínea, em suas palavras, que se descobrem como reencarnações de Cavaleiros do Apocalipse. Cada um deles teria uma habilidade extraordinária diferente. Depois, fiquei sabendo que P. faz um *workshop* de HQs e está desenhando essa história, que além do Apocalipse é baseado no enredo de dois jogos de videogame.

Após esse debate inicial sobre roteiro, quis mostrar uma cena de filme que fosse mais provável que viessem a gostar, já que não houve entusiasmo com *O homem que virou suco*. Mostrei a cena dos vigilantes assistindo vídeos no celular seguida da cena de reunião do condomínio em *O Som ao Redor* (2012), de Kleber Mendonça Filho (minutagem 52:50 à 01:02).

Quando acendi as luzes, as primeiras reações foram de pedir para continuar assistindo. Queriam muito saber o que aconteceria com o porteiro, se seria demitido ou não. Perguntei sobre o que tinham achado. R. disse que ficou brava com as pessoas que queriam demiti-lo. B. disse que o porteiro trabalhou a vida toda e agora estava cansado. K. não gostou pois “não queriam pagar”. M.B. apontou que havia “falta de fraternidade e solidariedade”. Perguntei a eles o que achavam que seria a opinião do diretor quanto ao assunto. K. respondeu que deveria ser a mesma do rapaz protagonista, que defende o porteiro e diz que aquilo era “escroto”.

Após o debate, perguntei sobre o que eles gostariam de falar ao fazer um filme, fosse de ficção ou documentário. Os dois temas sugeridos foram *bullying* e corrupção. Perguntei sobre como essas coisas afetam nossa vida. K. deu dois exemplos sobre corrupção. O primeiro foi no caso de alguém pesar duas quantidades de bananas e trocar as etiquetas pra pagar a mais barata no mercado, levando na verdade a mais cara. A segunda foi de alguém que vai comprar algo a pedido da mãe e devolve menos troco do que o recebido, subtraindo dela a quantia em proveito próprio.

Perguntei então se eles achavam que as duas ações eram igualmente ruins, ou se alguma era pior. Acharam que trocar as etiquetas das bananas seria menos grave, pois “a banana não vai fazer falta pro Walmart”. Outro exemplo de corrupção dado foi o de não pagar passagem no tubo de ônibus, sendo colocado que muitos estudantes do colégio fazem isso. Eles lembraram gravação reproduzida nos ônibus, que diz “Não pagar a passagem encarece a tarifa”. Falei um pouco sobre o papel do lucro dos empresários no sistema de transporte público, bem como do controle de uma única família sobre as três empresas de ônibus que atuam em Curitiba e Região Metropolitana. Perguntei se achavam justo o preço da tarifa e disseram prontamente que não. Comentaram que com o último aumento muitos estudantes saíram da escola, pois não tinham mais como pagar. Porém, tiveram

muitas ressalvas aos protestos. Disseram que apoiam, mas não gostam do que chamam de quebra-quebra. Mais de dois falaram sobre pessoas que se infiltram nos protestos para quebrar lojas e realizar saques. Falei que costumava acompanhar os protestos e nunca tinha visto isso acontecer em Curitiba, mas não pareceram acreditar.

Assistimos à cena selecionada do filme *Braços Cruzados, Máquinas Paradas* (1979), de Roberto Gervitz e Sergio Toledo. Disseram que gostaram e debatemos no mesmo sentido do primeiro encontro na Universidade Federal do Paraná, mas sem muita extensão. O tema voltou para o *bullying* e falamos sobre como nos relacionar com solidariedade, nos colocando no lugar uns dos outros e sobre tratar os outros da maneira que gostaríamos que fôssemos tratados. M.B. propôs de realizarmos um documentário sobre o *bullying*. Então, P. diz que já sofreu *bullying*, o que pareceu ser recorrente em sua vivência na escola. Ficou acordado que nos encontros seguintes gravaríamos um documentário que tratasse do assunto. Neste dia não realizamos exercício prático.

4º ENCONTRO (COLÉGIO TIRADENTES, 28 DE JUNHO DE 2017)

Neste dia participaram apenas quatro estudantes do Colégio Tiradentes, três meninas e um menino. Os alunos do Ernani Vidal não viriam mais nesse e nem no encontro seguinte, sendo este grupo de quatro estudantes que iria participar da produção do filme documentário e da exibição final no último encontro. Iniciamos falando sobre *bullying*. Conversamos sobre como esse tema pode gerar reflexão sobre a maneira de nos relacionarmos uns com os outros. Elas(es) relataram que existe muita violência na maneira com que os estudantes se tratam, sendo muito comum o conjunto de práticas que pode ser colocado sobre o termo “bullying”. Ficou acordado que iríamos gravar entrevistas entre os membros da equipe. Neste dia, nós começamos a gravar entrevistas entre os membros da equipe, modelo que funcionou bem. Também gravamos alguns planos observacionais da escola.

5º ENCONTRO (COLÉGIO TIRADENTES, 05 DE JULHO DE 2017)

As(os) mesmas(os) quatro estudantes que formaram a equipe na semana anterior estiveram presentes neste encontro. Sabendo que não haveria tempo para realizarmos a montagem conjuntamente, trouxe um corte do material filmado na semana anterior.

Elas(es) demonstraram gostar bastante e foi a partir daquele corte que pensamos o que gravaríamos naquele dia, bem como conversamos sobre orientações para a montagem. O grupo quis que fosse usada mais *voz over* sobre imagens, e também que o filme terminasse de maneira feliz, com pessoas se relacionando de maneira não-violenta, em contraposição ao *bullying*.

Gravamos mais um depoimento e pensamos em planos que expressariam visualmente o que gostaríamos. Tiveram a ideia de filmar eles mesmos correndo felizes no corredor e depois se arrastando pelo chão, brincadeira que gostavam muito de fazer e se tornou a cena final do filme.

6º ENCONTRO (COLÉGIO TIRADENTES, 12 DE JULHO DE 2017)

No último encontro, trouxe o filme “O que é Bullying?”⁸ editado e o assistimos. Todas(os) as(os) quatro gostaram muito do resultado e demonstraram satisfação com o trabalho. Pedi para fazerem uma avaliação do projeto e disseram ter gostado muito, tendo ficado desapontados apenas com a desistência dos(as) demais colegas. Após a conversa, exibi o curta-metragem *Os Zoados*⁹ (2016), de direção de André Luiz Santana Realim, que trata sobre Bullying, produzido pela Oficina de Cinema e Fotografia do Colégio Medianeira, com orientação do Prof. Alexandre Rafael Garcia, que também é docente da Unespar. Assistir ao filme produzido também por pré-adolescentes, na escola, pareceu os instigar bastante. Ao final, disseram que gostariam de produzir um filme “de ficção” e que os encontros continuassem no semestre seguinte.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO E CONSIDERAÇÕES

Em primeiro lugar, houve um deslocamento do público-alvo a que o projeto se destinava. Inicialmente pretendia-se realizar um trabalho com estudantes do movimento estudantil secundarista, e o GRUPO 2, com o qual foi possível um trabalho mais extenso, não era formado majoritariamente por estudantes engajados em movimento social. Possivelmente a realização de uma divulgação mais exaustiva e com maior antecedência

8 O documentário *O que é Bullying?* pode ser acessado em <https://vimeo.com/229507358>

9 O curta de ficção *Os Zoados* pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=ElquT-N3-G0Y&feature=youtu.be&list=PLDRWFgM1hJaC6zaIHciTbKhOxNKZkwiMc>

poderia despertar um maior entusiasmo deste perfil de estudante pelo projeto, considerando que o cinema e o audiovisual costumam gerar grande curiosidade nos jovens e adolescentes. Um sintoma desse interesse, creio eu, foram os cinquenta e três interessados do Colégio Tiradentes, no momento em que passei nas salas divulgando o projeto.

O fato dos encontros no Colégio Tiradentes terem iniciado relativamente tarde aos prazos que eu dispunha também dificultou a execução do projeto tal como idealizado. Foram dois encontros com o primeiro grupo e seis com o segundo grupo. Para trabalhar com mais profundidade questões sensíveis dos filmes, bem como a apropriação e desenvolvimento de recursos de linguagem e estilo em produções próprias, teria sido necessário mais tempo. Acredito que dez encontros com um mesmo grupo, como o projetado no cronograma, teria proporcionado uma experiência mais transformadora para os(as) participantes e, possivelmente, obras artisticamente mais interessantes. Também é possível apontar que para as atividades em Cinema e Educação, assim como nas produções audiovisuais, é necessário sempre ter uma margem de tempo de segurança em relação aos prazos finais.

Outra problemática foi a limitação do acervo de filmes selecionados por mim. Tive receio de exibir filmes que não cativassem os(as) estudantes, e vejo que privilegiei muitos filmes norte-americanos e que utilizam códigos já bem assimilados ao público. Além do receio, essa limitação também diz respeito à minha própria formação e de meu estofo cultural, já que apenas muito recentemente tenho percebido a importância de buscar outros cinemas, que resistem às relações de dominação: o Cinema Negro, periférico, de mulheres, de outros povos e minorias. Percebi que o diferente era mais bem aceito do que eu previa, e que teria sido possível caminhar mais por fora do já consagrado na historiografia do cinema. Também foi muito instigante a exibição do filme produzido por estudantes dentro de uma escola, me fazendo acreditar que exibir esse tipo de filme contribui com a percepção de que eles(as) mesmos(as) podem fazer filmes, e contribuir com a motivação para o trabalho.

Outro ponto negativo foi ter havido um exercício não-finalizado. Devido à falhas minhas quanto à previsão da duração de cada atividade e controle do tempo, a construção da cena de suspense não foi concluída no mesmo dia. Com a ausência do estudante que desempenhara o papel de ator no encontro seguinte, não concluímos o exercício. A

dedicação conjunta em um trabalho interrompido gerou desapontamento. Também dificultou a percepção de que é possível realizarmos grandes feitos em trabalhos coletivos, como era caro ao projeto.

Uma proposta de exercício que se mostrou bastante positiva no exercício da chamada *pedagogia da criação* descrita por Bergala (2008, p. 128) foi a leitura do roteiro previamente à exibição do filme. Ao lermos a cena, pudemos trabalhar com a expectativa e a construção imaginária do filme, chocando essa criação com o filme tal como materializado pelo cineasta e equipe num segundo momento. Entendo que o recurso foi bastante satisfatório em propiciar que os(as) estudantes se coloquem no lugar de criador, questionando como eles mesmo fariam e desenvolvendo um senso crítico em relação aos filmes.

O último trabalho realizado nos encontros, a produção do filme “O que é Bullying?” engajou bastante o grupo de estudantes envolvidos(as). No entanto, acredito que talvez devesse ter insistido em fazer uma obra “de ficção” para termos conseguido trabalhar mais aspectos de estilo e linguagem que havíamos visto nos filmes assistidos. Por conta das decisões quanto à metodologia do trabalho, fui optando por deixar uma gama de opções muito variada em aberto. No entanto, por se tratar de um contato ainda inicial com o cinema, não havia condições reais para essa abertura ser transformada em opções criativas. Refero-me à possibilidade do(as) estudantes utilizarem elementos ficcionalizantes no filme documentário, mas sem dar exemplos concretos não foi possível para eles formularem sobre esses elementos. Nesse momento, acredito que deveria ter feito propostas mais objetivas quanto ao formato do filme, pois assim poderia ter contribuído na formação de repertórios que, um pouco mais tarde, possibilitariam uma maior autonomia criativa.

As limitações existiram, mas acredito que mesmo assim o projeto foi exitoso em proporcionar para vários(as) estudantes secundaristas um contato maior e qualitativamente diferenciado com o cinema. Também foi importante em contribuir com a formação de um pequeno grupo, no Colégio Tiradentes, que se dedicou a pensar as maneiras de se relacionarem, forjando laços de solidariedade e companheirismo que são indispensáveis aos grupos que se empenham em processos coletivos transformadores, como fazem os movimentos sociais.

REFERÊNCIAS

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. 1 ed. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

MANCUSO, Bruno Freddi. **Minha Vila Filme Eu – Ensinando Cinema na Escola**: manual para o professor. Curitiba: Imagens da terra, 2012.

MIGLIONIN, Cezar et. al. **Inventar com a diferença**: cinema e direitos humanos. Niterói: Editora da UFF, 2014.

PELOSO, Ranulfo (org.). **Trabalho de base**: seleção de roteiros organizados pelo CEPIS. São Paulo: Expressão Popular, 2012.